

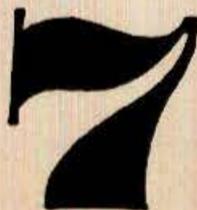
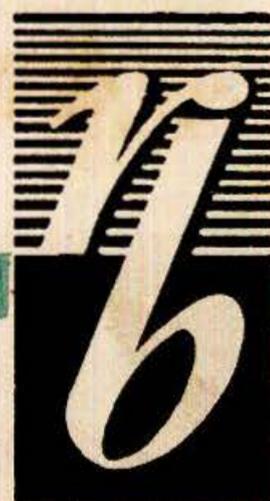
*revista*

# brasiliense

B I M E S T R A L

## SUMÁRIO:

- SENADOR JARBAS MARANHÃO — O Petróleo no Senado  
ELIAS CHAVES NETO — Sentido Dinâmico de Democracia  
PAULO DANTAS — Viagem e Romaria a Bom-Jesus-da-Lapa  
CAIO PRADO JÚNIOR — A Nova Teoria Econômica Ortodoxa e a  
Crise do Capitalismo  
DOROTEO CRITILLO — Novas Cartas Chilenas  
FERNANDO JORGE — O Aleijadinho e as Influências Religiosas  
EVERARDO DIAS — O Socialismo no Brasil  
ÁLVARO DE FARIA — O Novo Humanismo e a Alienação do  
Trabalho  
JERÔNIMO MONTEIRO — Caiapós e Seringueiros  
F. POMPÊO DO AMARAL — A Escassa Capacidade Física e Mental  
de Nossa Gente  
HEITOR FERREIRA LIMA — O Primeiro Banco do Brasil  
ECONOMIA  
VIDA INTERNACIONAL  
LIVROS E REVISTAS



SETEMBRO - OUTUBRO

Jerônimo Monteiro

107

## CAIAPÓS E SERINGUEIROS

Ficamos satisfeito ao ver publicada a carta que a Senhora Simone Dreyfus-Roche, adida ao Museu do Homem de Paris, escreveu à direção desta revista, ocupando-se das "Notas de Viagem" que escrevemos e que foram publicadas nos números 2 a 5 da mesma.

Satisfeito e, ao mesmo tempo, atingido por certa melancolia ao verificar que vinha de longe, do outro lado do Atlântico, o eco ao assunto — tão importante, embora tão superficialmente tratado por nós. Em nossa terra, nenhuma voz se levantou. Como se não existissem caiapós, seringueiros, matas do Xingu e as tragédias de que elas são cenário cotidiano.

Publicando aquelas notas, como deixamos claro desde o início, não pretendíamos resolver o problema. Queríamos, apenas, contribuir para a sua solução, que cabe a pessoas de mais poder e mais sabedoria que nós.

Assim, relatamos honestamente o que vimos, sem nos deixarmos levar por idéias

preconcebidas, por influências de certo modo firmadas nesse terreno.

Estamos, até certo ponto, de acôrdo com a Senhora Dreyfus-Roche. Julgamos, porém, ter surpreendido, em sua carta, certa irritação pelo que considera nosso desprezo pelos índios caiapós. Não há, porém, tal desprezo de nossa parte. Se transparece, naquelas "notas" a impressão de que os caiapós são cruéis, predadores e maus — é porque êles assim se apresentaram aos nossos olhos.

O ponto de vista da Senhora Dreyfus-Roche parece-nos unilateral. Ela deixa-se levar pela sua ternura para com o selvagem e se esquece de que, além do selvagem, há naquela região centenas de seringueiros com suas famílias — expostos aos ataques dêsses selvagens. Considere-se que o índio é protegido pela lei de modo excepcional. Sendo êle tutelado do Estado e considerado irresponsável, não responde pelos crimes que comete, ao passo que os seringuei-

ros são passíveis das penas legais, se matarem índios.

Há uma *situação de fato* que não pode ser esquecida: Vivem na mesma região, seringueiros e caiapós que, por motivos que não vêm ao caso estudar aqui, odeiam-se e guerriam-se impiedosamente. Para quem devem ir nossas ternuras? A quem devemos defender? Não somos inimigos dos índios, é certo. Mas podemos ser inimigos dos seringueiros e culpá-los pela situação?

Considere-se que o seringueiro é atirado àquele fim-de-mundo com uma obrigação definida: produzir borracha. É o seu trabalho, a sua tarefa, a sua necessidade para sustento da família. Sofre, ali, imensas privações. A mata passa a ser o seu lar, a sua despensa — como é o lar e a despensa dos caiapós. E estes, hostilizam-nos, atacam-nos e matam-nos. Que pode fazer o seringueiro? O conflito é fatal.

Em verdade, os seringueiros que vivem nas matas do Xingu, são homens primários, rudes, que encaram os incidentes de sua vida com fatalismo e sem nenhuma filosofia de compreensão ou tolerância. Têm que agir, têm que resolver seus problemas, têm que se defender de tudo e o fazem com os recursos que seu espírito rude e prático lhes sugere. Eles foram para a mata a fim de produzir a borracha e não para perseguir nem

matar índios. Estes, porém, levados por motivos que conhecemos, consideram-nos inimigos tradicionais, invasores e indesejáveis. E atacam.

Os seringueiros não se deixam convencer pelos argumentos mais ou menos literários de que o índio é o verdadeiro dono daquelas matas, de que é um ser simples e primitivo, irresponsável. Eles sofrem as conseqüências de seus ataques e, sempre que podem, reagem à altura, o que, digamos de passagem, não é freqüente, porque os caiapós raramente se deixam apanhar, nos momentos do ataque.

Os homens do Serviço de Proteção aos Índios bem que fazem convincentes discursos a respeito dos deveres de tolerância e proteção que os "cristãos" têm para com os selvagens. Assisti, mais de uma vez, a arengas desse gênero. Cícero Cavalcante de Albuquerque, chefe do Posto Gorotire, à margem do Rio Fresco, que fez conosco parte da viagem, muitas vezes protestou, indignado, ante a concepção que os seringueiros têm a respeito dos caiapós. Dizia-lhes que não devem matar os índios, que estes são criaturas razoáveis e que podem e devem ser tratados com bondade e respeito.

Mas, de que vale dizer isso aos seringueiros, homens condenados a uma vida difícil, primitiva, sem recursos, isolados naquela imensidão, não

por uma semana ou por um mês, mas por anos, e impiedosamente atacados pelos índios?

A verdade, que tem de ser encarada friamente, é que os caiapós, sempre que podem fazê-lo sem perigo de revide, assaltam e matam os seringueiros em seu trabalho ou sua família na barraca. Seus ataques são terríveis, destruidores.

Em algumas daquelas "notas" contamos diversas das tocaias e dos estratagemas empregados pelos caiapós. Diante dêles, não se pode admitir que êsses índios sejam dóceis, pacíficos, compreensivos ou tolerantes. Um dos seus estratagemas é êste:

Um índio aparece, certo dia, diante da barraca do seringueiro, aparentando fome e miséria. "Fome, papai, farinha, fome", diz êle. A família do seringueiro, tomada de piedade, dá-lhe de comer e êle fica por ali. Está só, não tem armas, é humilde e passa a prestar pequenos serviços. Pouco a pouco, a família, que recebera o índio com desconfiança e receio, convence-se de que êle não representa nenhum perigo e descuida-se. E então, uma bela madrugada, quando o chefe da família saiu para a estrada de seringa, o que faz em geral pelas três horas, o índio vai à beira da mata e imita o pio de um pássaro. Imediatamente sai da mata um grupo de caiapós, que invade a barraca, surpre-

endendo os moradores ainda em suas rêdes, no sono. A golpes de machado, borduna, facões — chacinam a família tôda e saqueiam a barraca onde só há miséria. Às vêzes aprisionam as meninas, que levam consigo.

Isto tem acontecido inúmeras vêzes e temos relatos contados por testemunhas, por pessoas que conseguiram sobreviver a tragédias como essa.

Outros estratagemas estão relatados nas notas publicadas no número 4 da "Revista Brasileira", março-abril, pgs. 135 e 136.

Que podemos pensar, diante disto?

Concordemos em que o índio está penas "reagindo" ante a invasão de sua terra, vingando-se de passadas chacinas feitas entre êles pelos brancos colonizadores. Mas poderemos, por isso, aprovar ou mesmo desculpar o que fazem? E em que situação fica o seringueiro — que ali está para trabalhar?

Em nossa viagem pelo Xingu constatamos êsses fatos e expusemo-los com fidelidade.

Se do nosso relato transparece a ferocidade dos caiapós, é que êles são realmente ferozes. Não indagamos os motivos.

Gostaríamos mais de apresentar o caiapó como vítima, fazendo, assim, côro com os que estão convencidos disso, através da literatura de gabinete ou de relatos que não ti-

veram por cena, como os nossos, a proximidade imediata de índios e seringueiros.

Na verdade, ambos são vítimas — o caiapó e o seringueiro. O primeiro, da incompreensão do homem branco; o segundo, das necessidades mal orientadas da economia brasileira.

Se quisermos procurar o culpado por essa lamentável situação, iremos encontrar o Poder Público. Não que ele possa, no estado atual do problema, tomar medidas de defesa em favor dos índios ou dos seringueiros. Não pode. Quem conhece a região do Xingu sabe que isso é impossível, a menos que se disponha de consideráveis somas e de grande número de homens especializados.

A culpa dos Poderes Públicos está em fazer concessão de terras para exploração de seringueiras naquela região. E isto envolve, muito de perto, a formação do Parque Índigena do Xingu, deliciosa utopia que não temos meio algum de tornar realidade.

Em toda a imensa zona que percorremos há um único posto do Serviço de Proteção aos índios — o Posto Gorotire que, certamente como acontece com os demais, não dispõe de recursos para cumprir a sua tarefa, mas conta, apenas, com a boa vontade e dedicação de um punhado de homens idealistas, sacrificados à sua missão.

Pelo que pudemos ver, tal como se desenvolve a sua ação, esse posto traz resultados duvidosos. É nossa opinião que atrair índios, pô-los em contacto com a nossa civilização viciosa e maléfica, não lhes traz benefício algum. Ao contrário. Não é muito diferente, o que fazemos agora, dos métodos empregados para a "redução" e "catequização" de selvagens que se empregou no passado para conseguir escravos.

Pensamos que o que se pode fazer, para bem dos índios, já que os nossos sentimentos humanitários tanto se comovem com eles — é deixá-los em paz. Deixá-los viver a sua vida, sem tentar protegê-los. A nossa proteção só lhes traz males e problemas e, deixados à vontade, eles se bastarão a si mesmos, como sempre se bastaram através de séculos.

Não podemos aprovar a prática que ainda seguimos de invadir a selva para extrair borracha, lá onde a selva é o lar do silvícola.

Essa prática parece-nos antieconômica e cruel, tanto para os índios, como para os trabalhadores. E que resultado nos dá, economicamente?

Agora, a ferocidade dos caiapós é indiscutível. Temos em nosso poder dezenas de relatos de ataques que fizeram — e tanto os ataques como o modo pelo qual são feitos, revelam claramente que esses índios são ferozes, espertos, manhosos, inteligentes.

Mesmo índios recolhidos ao Pôsto Gorotire já saíram dali para atacar viajantes que percorriam a estrada que leva aos campos do Araguaia.

Estamos de acôrdo com as palavras da illustre missivista no que se refere ao chefe N'Grói. Também privamos com êle por vários dias e jamais fomos hostilizados, de qualquer modo. Sempre se mostrou gentil para conosco. Por meio do Sr. Cícero Cavalcante de Albuquerque chegamos, mesmo, a gravar uma entrevista com N'Grói. Mas, porque privamos com êle, podemos afirmar que tem grande desprezo pelos "cristãos" e por sua civilização. Considera-nos a todos "covardes" e não tem dúvida em afirmá-lo.

Conhecemos, também, em detalhe, o fato citado por ela, do massacre dos caiapós. Está, aliás, relatado em nossas "Notas de Viagem." De modo nenhum aprovamos êsse massacre, mas compreendemo-lo. Já dissemos que o seringueiro está muito próximo ao índio, no que respeita a civilização, e o ódio mútuo acumula-se. O índio sempre ataca de emboscada, quando está certo de não encontrar resistência. Os seringueiros dificilmente conseguem pegá-los. Diga-se, porém, que é muitíssimo raro um seringueiro atacar um caiapó a sangue-frio. Acontece, às vêzes, encontrar-se um grupo de caiapós, de canoa ou dentro da água, à margem dos rios. Os seringueiros limitam-

se a xingá-los e seu repertório é dos mais ricos nesse particular. Alguns índios também sabem dizer palavrões em português e revidam. Por isso, o ditado do Xingu: "Índio, primeiro a gente mata, depois pergunta o que quer" — não passa, no fundo, de fanfarronada.

Desejamos, ainda, voltar a um fato que chamou a atenção da Senhora Dreyfus-Roche e provocou-lhe, ao que parece, certa indignação. N'Grói jamais cuspiu em nossa direção. Mas, na casa do Rev. Baner, em Altamira, onde estavam recolhidos alguns caiapós, dois dêles: Patira e Kunapdjó — cuspiram em nossa direção, como na direção de outros brancos. E o cuspo só não atinge o alvo porque os lábios inferiores dêsses índios, abertos em largo furo para receber o batoque, atrapalha. Revelavam, ao fazer isso, desprezo agressivo. Não cuspiam, porém, na direção do Rev. Baner. Há nada mais compreensível? Podem, acaso, os silvícolas daquela região admirar, ou apenas tolerar os brancos em geral?

Eles podem, sim, admirar e mesmo amar certos brancos que, privando com êles, lhes deram, através de longa convivência, provas de não serem inimigos: Estudiosos, pessoas desinteressadas que os frequentam com fins altruísticos ou científicos. A êsses, êles dispensam respeito — mas são exceções. De modo geral, o-

deiam os brancos e com razão, porque dêles só têm recebido trabalhos, prejuízos e infelicidades.

Os dois grupos de caiapós que vivem ao longo do Xingu, no Estado do Pará (única região que visitamos e da qual falamos, sem generalizar), os Cubencrânquens e Cubencronótis, guerreiam-se com frequência, mas, quando se trata de hostilizar os "cristãos", unem-se e entendem-se bem.

Em verdade, há grande diferença entre *visitar* a região e *estabelecer-se* nela. Ao que nos parece, os caiapós não hostilizam os que estão apenas de passagem por suas terras — como foi o nosso caso. Mas não toleram aquêles que vão para permanecer nelas e explorá-las.

Devemos confessar que, antes de partir para o Xingu, (o que fizemos para o nosso jornal, por terem vindo do Pará alarmantes notícias de ataques de caiapós que impediam os seringueiros de trabalhar) íamos cheios de ternura para com o índio. Considerávamo-lo vítima inocente e indefesa do branco invasor que o tratava como fera selvagem. Mas, ao contacto da realidade tivemos que modificar essa opinião. Os fatos dissolveram, em seu horror, tôda a ternura que levávamos conosco. Os índios são vítimas, sem dúvida, mas vítimas são, também, os seringueiros e vítimas mais de lamentar, porque o são duplamente: dos índios que os hos-

tilizam com vantagem por estarem em seu meio natural e serem em maior número — e das exigências da produção tão mal orientada.

Se tivéssemos dinheiro para fazê-lo deveríamos, sem dúvida, criar o Parque Indígena do Xingu. Impedida a penetração das matas pelos exploradores de borracha, castanha e resinas — o problema estaria resolvido. Mas quem acredita que êsse Parque passe, jamais, de simples providências burocráticas, de decretos e de bonitos discursos? Lá na mata, mesmo que o Parque seja criado em lei, tudo continuará como tem sido até hoje. Não temos meio algum para tornar efetiva tal medida.

Enfim, escrevendo aquelas notas de viagem quisemos, simplesmente, chamar a atenção dos entendidos e das autoridades para o grave problema que representa a extração da borracha na selva do Xingu.

Não pensamos em explicar as razões, próximas ou remotas, das hostilidades que verificamos. O que quisemos foi mostrar que existe uma *situação de fato*, calamitosa, e que não se justifica tanta inquietação, tanto sofrimento, tanta perda de vidas — para se colherem algumas poucas toneladas de borracha.

O que quisemos fazer compreender foi que é tempo de se tratar da cultura de seringueiras por métodos mais in-

teligentes, mais produtivos e menos cruéis. Está tudo errado e alguém precisa movimentar-se para corrigir o êrro.

Deixe-se o índio em paz na sua mata. A proximidade do branco só lhe proporciona males — alguns irreparáveis, e nada produz de bom, nem para os brancos, nem para êles.

De nada serve fazer literatura sôbre a condição de vítima que se atribui ao índio. O que se precisa é de ação bem

orientada, isenta de lirismo e de idéias preconcebidas.

Por enquanto, somos obrigados a ficar assistindo ao drama. De vez em quando tentaremos abrir os olhos dos responsáveis por essa lamentável situação, expondo ante êles o quadro vivo da tragédia xinguana. É só o que podemos fazer. Talvez que, insistindo muito nisso, possamos contribuir para a solução do problema.

25